

## Editorial

### **Dossiê “As relações nação-região e os espaços de fronteira no processo de institucionalização das ciências e da saúde no Brasil”, v. 17, n. 30, 2020.**

O dossiê em questão, dedicado às **relações nação-região e aos espaços de fronteira no processo de institucionalização das ciências e da saúde no Brasil**, é um dos primeiros resultados da nossa parceria, iniciada no ano passado no âmbito da ANPUH-2019, que está assentada no interesse mútuo por explorar as potencialidades analíticas do entrecruzamento das áreas de História das Ciências e trabalhos realizados no âmbito do debate sobre a existência de uma História Regional. Tal aproximação se deu também a partir dos estudos realizados pelo Núcleo de Pesquisa e Documentação em História (NUPEDOCH), da Universidade Federal do Piauí (Campus de Picos - CSHNB), e do grande fluxo de alunos egressos do Piauí que estão realizando os seus mestrados/doutorados no Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC–FIOCRUZ–RJ), fruto de suas pesquisas desenvolvidas na graduação.

Percebemos, enquanto historiadores dos campos de história das ciências e da saúde, que contextos diversificados e mais particularizados, distantes dos já tradicionais Rio de Janeiro – São Paulo – Minas Gerais, passaram a ser privilegiados pelos pesquisadores. No entanto, cabe ressaltar, que muitos destes trabalhos acabam ficando desconhecidos e deslocados do diálogo com outras realidades, de modo que o local acaba não se conectando com o nacional e o global, e a reflexão se traduz a uma análise de particularismos, com pesquisas que não circulam e acabam sendo desconhecidas de um público maior.

O que propomos não é uma coleção de estudos de caso, mas sim, repensar o nacional a partir de uma diversidade de trabalhos que nos permitam amadurecer o debate sobre nação-região, centro-periferia e outras questões que perpassam o debate em História das Ciências. Nesse sentido, cabe destacar que tal perspectiva de análise já tem, nos últimos anos, gerado resultados de pesquisa relevantes no âmbito da História das Ciências e da Saúde no Brasil, como expresso, por exemplo, em trabalhos sobre a medicina tropical no Amazonas (Schweickardt, 2011) e sobre as instituições científicas do Paraná (Ardigó, 2011), além das diversas pesquisas desenvolvidas no âmbito das Pós-Graduações no Brasil, com destaque para o Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde (COC – FIOCRUZ) e o Programa de Pós- Graduação

em História da Universidade Federal do Pará – com concentração em História Social da Amazônia. Todos os trabalhos que compõem este dossiê, escritos por pesquisadores de diferentes instituições do Brasil e que abrangem regiões de norte a sul do país, com recortes temporais que vão de meados do século XIX a meados do século XX, dialogam, de algum modo, com essa chave de interpretação.

Por volta dos anos 1980 assistimos a um processo de renovação importante no âmbito da História das Ciências no Brasil, a partir do qual saberes médicos, epidemias, saúde e doença de escravos, indígenas e mestiços, nas mais diversas temporalidades e contextos históricos, bem como estudos sobre museus naturais, periódicos médicos, escolas médico-cirúrgicas e comissões científicas, entre outros espaços institucionais passaram a ser reconhecidos como objetos legítimos dos estudos históricos, porém isso não significou necessariamente uma ampliação dos horizontes de pesquisa no que se refere aos recortes espaciais.

De um modo geral, percebe-se que vêm aumentando nos últimos anos os trabalhos que se dedicam a uma reflexão mais acurada sobre as diversas artes e ofícios de curar no interior do Brasil, sobre a institucionalização da ciência fora das principais capitais urbanas do país ou sobre a construção de trajetórias de cientistas em diferentes regiões. Sendo assim, considerando a importância de voltar a atenção para contextos particulares, alguns historiadores vêm desvendando as especificidades locais e a necessidade de perceber processos históricos diversos dos já tradicionais debates sobre os conhecimentos científicos e práticas médicas. A possibilidade desse olhar mais direcionado e circunscrito permite que se confrontem representações já cristalizadas no âmbito do imaginário social sobre determinadas regiões, permitindo maior problematização e reflexão crítica acerca da diversidade de contextos.

O universo de pesquisas sobre o tema da história regional nos coloca frente a trabalhos de natureza muito diversa, cuja leitura às vezes mais confunde do que esclarece seus significados e objetivos. Isso se deve, em grande parte, aos múltiplos sentidos atribuídos aos conceitos de região-nação, centro-periferia, por exemplo, dos quais decorrem também abordagens diferenciadas, dependendo do entendimento que dele se faça. Registre-se, no entanto, a relevância das análises regionais para os estudos históricos na medida em que permitem desafiar a homogeneidade de teorias generalizantes. Dada a possibilidade de aproximação com realidades mais particularizadas, tais estudos fazem emergir o específico e o diferente, viabilizando uma leitura alternativa que enriquece e complexifica a compreensão histórica sobre temas

variados. A imagem de que uma variação de escala permite contar outras histórias pode ser analisada, por exemplo, a partir de J. Revel, em livro no qual premissas diversas da historiografia na atualidade são abordadas, como o retorno da biografia e a micro-história. Nessa perspectiva de análise, o enfoque regional nos permitiria perceber com mais clareza a diversidade de experiências históricas.

Tendo em vista o grande debate historiográfico existente em torno das relações centro-periferia no âmbito da história das ciências, esse tipo de abordagem contribui para tensionar essas interações ao mostrar que os lugares dos centros e das periferias não podem ser considerados como fixos ou sem dinamicidade, muito menos como fruto de uma ciência capaz de definir com clareza os seus protagonistas, retirando-se toda a historicidade desses processos de definição. Nesse sentido, o conceito de circulação, de Kapil Raj, nos ajuda a compreender essa polarização que coloca em campos distintos um grupo que seria produtor de conhecimento e outro que seria mero receptor de práticas científicas vindas de fora, conferindo protagonismo a diferentes atores, muitos deles pensados até então como meros expectadores.

Sua ideia de que o conhecimento circula deixa os historiadores em alerta para as múltiplas possibilidades que os estudos focados em determinada região, por exemplo, podem trazer. Além de evidenciar o caráter relativo desses contextos considerados como “periféricos”, este tipo de estudo permite também que se note a existência de comunidades e práticas médicas e científicas locais que, ao se voltarem para a resolução de problemas cotidianos, mostram-se atualizadas e produtoras de conhecimento, trazendo elementos novos que nos levam a colocar em perspectiva o protagonismo de uma ciência pensada, sobretudo, a partir das regiões sul e sudeste do Brasil ou mesmo da Europa e dos Estados Unidos. E esse, nos parece, que é mais um motivo para apostar no potencial analítico do cruzamento entre as definições do que se convencionou chamar de História das Ciências e História Regional. Ao nos permitirem observar realidades mais específicas e ajustar as lentes para o dia-a-dia das práticas científicas, esse “casamento” entre dois campos correlatos possibilitará também que, no futuro, possamos contar com uma base variada e sólida de análises para a realização de mais estudos comparativos.

Por fim, ressaltamos ainda os **artigos livres** enviados para o **v. 17, n. 30, 2020, da Revista Outros Tempos**. Mesmo que tais trabalhos não estejam no rol dos artigos do dossiê sobre “As relações nação-região e os espaços de fronteira no processo de institucionalização das ciências e da saúde no Brasil”, os leitores perceberão que

todos dialogam diretamente com a proposta dos organizadores, pois trata-se também de uma tentativa de trazer à tona outras experiências históricas em contextos diversos dos já tradicionalmente trabalhados por uma historiografia oficial. Tal constatação já nos deixa com a sensação de que todo o esforço de organização e reunião dos artigos, entrevista, estudo de caso, foi completamente recompensado pelo resultado final apresentado neste volume.

Boa leitura!